



Anuário Antropológico
v.50 | 2025

Comentário a “Folheando meu Diário Gavião”

Roberto DaMatta



Edição eletrônica

URL: <http://journals.openedition.org/aa/15233>

DOI: 10.4000/1556n

ISSN: 2357-738X

Editora

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UnB)

Referência eletrônica

Roberto DaMatta, «Comentário a “Folheando meu Diário Gavião”», *Anuário Antropológico* [Online], v.50 | 2025, e-1556n. URL: <http://journals.openedition.org/aa/15233>; DOI: <https://doi.org/10.4000/1556n>



Atribuição 4.0 Internacional

Comentário a “Folheando meu Diário Gavião”

DOI: <https://doi.org/10.4000/1556n>

Roberto DaMatta

Universidade de Notre Dame, College of Arts and Lettes, Department of Anthropology,
Notre Dame, USA
ORCID: 0000-0002-0385-3805

Para o Melatti,

Que, na minha experiência, são dois. Há o Julio Cezar, um professor culto e até mesmo humilde, no seu caladão que não cabe muito bem no mundo universitário brasileiro, e o pesquisador admirável que muito orgulhosamente acompanhei em sua trajetória profissional, como um dos mais competentes, dedicados e precisos antropólogos sociais do nosso tempo e, em particular, do Brasil.

Esse é o lado do Julio que virou Melatti. Um nome que é marca de excelência e conhecimento nas Ciências Sociais do Brasil e adjacências.

Iniciamos nossas vidas como aprendizes de etnografia, lado a lado, em 1961, descobrindo e realizando o tal “trabalho-de-campo”, da melhor forma que nos permitia a nossa condição de moços urbanos, numa remota (meio dia, uma noite e uma manhã de caminhada por uma trilha na floresta amazônica) aldeia dos nativos Gaviões. Um Melatti cioso das formalidades diz que eu o conduzi naquela fabulosa experiência, cujo diário ele transformou num extraordinário relato etnográfico iluminado pela sua escrita que flui clara e serenamente para o leitor, revelando fatos sobre esse grupo que me surpreende por sua veracidade. Lendo essas “notas”, entendo finalmente aquela triste história de contato inter-cultural.

Só o Melatti, com seu enorme talento e extraordinária perseverança como escritor e etnógrafo, seria capaz de reunir esses pedaços da sociedade Gavião naqueles dias de tanta tensão, desânimo e angústia, quando nós dois, inexperientes em tudo, fomos levados para a aldeia do Cocal, pelo encarregado do então SPI que, ao longo da jornada para a aldeia, mostrava medo dos chamados “cabocos” Gaviões. E, lá chegando, nos deparamos com uma dezena e pouco de nativos, o que — vimos imediatamente num silêncio decepcionante — criava o raro paradoxo de termos mais etnógrafos do que etnografados!

Isso para não falar da situação do grupo, então envolto num triste desânimo. Tempos nos quais as palavras “morte” e “morreu” surgiam tantas vezes para nós dois, neófitos de uma arte quase impossível, que é a de capturar a vida social de uma outra cultura. É, pois, particularmente gratificante ler nessas notas como Melatti finalmente articula a situação dramática dessa aldeia, dando pleno sentido às minhas confusas observações.

Leio essas chamadas “notas” do Melatti com interesse e um crescente senso de admiração pela excelência do material que se encontra no diário do meu “assistente de pesquisa”; notas indiscutivelmente reveladoras da persistência, da fidelidade de Julio Cezar Melatti ao seu ofício.

Nelas, a arte de ouvir é apresentada ao leitor em toda a sua potência. Bons etnólogos sabem ouvir e anotam e passam a limpo aquilo que ouviram, compondo uma história. No caso, um penoso capítulo da desintegração de uma sociedade sem escrita, arquivos e velhos. Uma tragédia que nossa juventude e inexperiência inibiam, e que o talento, a paciência e a tenacidade do Melatti explanam, explicam e traduzem numa esplêndida monografia deste grupo.

Lendo essas páginas (Mellati 2025), dei-me conta de ter sido companheiro de um raro profissional e de um companheiro de campo e de sofrimento, saudade,

fome, doença, ansiedade, temor — *anthropological blues* — e tudo o mais que faz parte dessa profissão na qual vamos em busca das diversas fantasias, linguagens e vestimentas daquilo que chamamos humano. Essa majestosa diversidade que nos torna esse ser meio errado e meio sábio que somos, na intenção provavelmente inútil de construir um quadro ou, quem sabe, traçar as linhas de uma fabulosa esteira. Para descrever e analisar concepções do cosmos, do casamento e da família, dos nomes próprios e impróprios, dos casuais e formais e das dissidências entre esses que chamamos de “índios” e que, graças aos nossos esforços, surgem mais próximos de nós.

Li esse texto consultando o meu diário. Como não poderia deixar de ser, são dois modos diversos de ver uma mesma realidade. Toda literatura assim é. Há muita coisa em comum e um extraordinário salto diferencial. No caso, um salto revelador de que o meu companheiro foi, como de fato é, melhor antropólogo que eu. Alguns críticos apontaram minha mediocridade como etnógrafo; Melatti a comprova de modo austero e tranquilo, revelando fatos e arrolando uma estória que, graças a essas notas, torna-se História e Antropologia Social de primeira ordem.

Só posso agradecer ao meu amigo e ex-companheiro de agruras essas notas que, de fato e de direito, fazem prova da vitalidade e da importância de uma pesquisa etnológica em condições difíceis.

Viva Melatti. Viva o saber ouvir e escutar. Viva o amor à Antropologia Social de nossa geração.

Roberto DaMatta

Jardim Ubá, 19 de junho de 2024

Referências

Mellati, Julio Cesar. 2025. Folheando meu Diário Gavião. Anuário Antropológico, 50: e-1556o



Sobre o autor

Roberto DaMatta

Antropólogo, professor emérito da Universidade de Notre Dame (USA), com atuação também no Museu Nacional e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Membro da Academia Brasileira de Ciências.

E-mail: damatta.rlk@terra.com.br

Contribuição do autor

O autor redigiu o texto na íntegra.

Declaração sobre a disponibilidade das informações

Os dados referentes ao texto são públicos.

Editor Chefe

Carlos Sautchuk (<https://orcid.org/0000-0002-2427-2153>).

Editores Associados

Rosana Castro (<https://orcid.org/0000-0002-1069-4785>).

Sara Morais (<https://orcid.org/0000-0003-1490-1232>).

Jose Arenas Gómez (<https://orcid.org/0000-0002-2159-0527>).

Alberto Fidalgo Castro (<https://orcid.org/0000-0002-0538-5582>).

Elisabeth Defreyne (<https://orcid.org/0009-0009-2559-0047>).

Recebido em 08/10/2025

Aprovado para publicação em 20/10/2025 pelo editor Carlos Sautchuk (<https://orcid.org/0000-0002-2427-2153>)